

ESTRATÉGIAS PROJETAIS: Máximo e Mínimo

DESIGN STRATEGIES: Maximum and Minimum

Ana Gabriela Godinho Lima

Esta edição do BAc (Boletín Académico. Revista de investigación y arquitectura contemporánea) é dedicada às ações, projetos e estratégias que conseguem atingir o máximo impacto com o mínimo esforço. Estamos interessados em intervenções arquitetônicas oriundas de estudos profundos, reflexão experimentada e, às vezes, autocrítica implacável que leve a processos projetuais caracterizados por um arguto discernimento sobre a forma de intervir em um determinado território, sobre como empregar as técnicas, formas, composições e os materiais mais eficientes e adequados.

Talvez, seja necessário dizer que o esforço mínimo resulte de uma reflexão máxima. Estes são os exemplos de estratégias arquitetônicas desenvolvidas dentro de um contexto histórico e cultural, bem como de recursos tangíveis e intangíveis das comunidades que os produziram. Não são apenas modelos de economia, ou daquilo que hoje se conhece sob o nome de “sustentabilidade”, mas sobretudo de uma inteligência em parte construída e em parte descoberta nos modos como as sociedades, seus objetos e edifícios funcionam.

Nessas situações, os projetos arquitetônicos poderiam ser interpretados, por um lado, como diferentes combinações do conhecimento imanente, aquele alcançado pela observação da natureza,

This issue of BAc (Boletín Académico. Revista de investigación y arquitectura contemporánea) is dedicated to actions, projects and tactics that reach maximum impact with minimum effort. We are interested in those architectural interventions that emerge from deep study, attempted contemplation, and sometimes ruthless self-criticism leading to design processes characterized by acute discernment on how to intervene in a specific territory, on how to employ the most efficient and suitable techniques, materials, forms, and compositions.

Perhaps we should say that the minimum effort emerges from maximum consideration. Such are the examples of architectural strategies developed within the cultural and historical background, as well as the tangible and intangible resources available in the communities that produced them. They are not only models of economy, or of what today is known under the name “sustainability”, but mainly of an intelligence that is part built and part discovered in the way societies, their objects, and buildings work.

In such situations, on the one hand architectural projects might be interpreted as different combinations of immanent knowledge -the one reached through observing nature, the

Boletín Académico.
Revista de investigación y arquitectura contemporánea.
Escola Técnica Superior de Arquitectura.
Universidade da Coruña.
ISSN 0213-3474
eISSN 2173-6723
<http://revistas.udc.es/index.php/BAC>
Número 7 (2017) | Páginas 7-8
DOI: <https://doi.org/10.17979/bac.2017.7.0.3088>
Fecha de recepción 30/10/2016
Fecha de aceptación 30/01/2017

Este trabajo está autorizado por una Licencia de Atribución de Bienes Comunes Creativos (CC) 3.0

Palabras clave
arquitectura, proyecto,
estrategia mínima

Keywords
architecture, design, minimum
strategie

dos rios, da topografia, dos ciclos dos ventos e das chuvas, da rota do sol no céu e dos materiais naturais: pedra, madeira, areia. Em outras palavras, as forças do lugar, como salienta Geoffrey Baker. Por outro lado, como combinações do saber transcendente, que alguns opõem ao imanente. Em arquitetura, entretanto, tal conhecimento não deve agir no processo projetual necessariamente como contraste, mas como complementar ao imanente.

O conhecimento transcendente pode servir como ferramenta para identificar vocações, perceber desejos, buscar dar materialidade aos anseios e potenciais de uma comunidade, um lugar ou uma tecnologia. Em *Theory of Moral Sentiments*, Adam Smith observou que “já que não podemos ter uma experiência imediata sobre a maneira de outros sentirem, não podemos ter ideia de como são afetados ao imaginar como nos sentiríamos em situação similar”. Ao comentar esta citação em seu livro “*The Craftsman*” (2008), Richard Sennett acrescenta: “Entrar na vida dos outros requer, portanto, um ato de imaginação”.

Ações ou intervenções mínimas que se baseiam na ação em escalas diminutas, em trabalhar diligentemente com o detalhe ou em economizar recursos, só produzem impacto máximo quando estão fortemente carregadas com a essência e a substância das pessoas e do lugar para os quais foram projetadas. A “imaginação” praticada aqui é uma mistura viva do transcendente e do imanente, de experiência e anseio. Esta perspectiva lança nova luz aos velhos mestres do Movimento Moderno, incluindo alguns reconhecidos mais recentemente como Eileen Grey, explorando não tanto sua aura de gênios, mas seu rigor, autodisciplina e a capacidade de síntese, não só do *zeitgeist*, mas sobretudo das necessidades materiais, históricas e culturais de suas sociedades em um dado momento.

rivers, the topography, the cycles of winds and rains, the sun trajectory in the sky, and natural materials: stone, wood, sand. In other words, the forces of place as Geoffrey Baker puts it. On the other hand, combinations of the transcendent knowledge which some oppose to immanent. In architecture, however, such knowledge does not necessarily have to act as a contrast, but as complementary to the immanent knowledge in the design process.

The transcendent knowledge is a tool in identifying vocations, in envisioning desires, in trying to give materiality to aspirations and potentials of a community, a place or a technology. Adam Smith observed in the *Theory of Moral Sentiments*: “As we cannot have immediate experience of what other men feel, we can form no idea of the manner in which they are affected by conceiving what we ourselves should feel in a like situation.” Commenting this citation in his book “*The Craftsman*” (2008), Richard Sennett adds: “Entering into others’ lives requires therefore an act of imagination”.

Minimal actions or interventions that reside in acting in diminutive scales, in working diligently in detail or in saving resources only produce maximal impact when they are potently charged with the substance of the place and people they were designed for. The “imagination” practiced here is a lively mixture of immanent and transcendent, experience and aspiration. This perspective casts new lights on the old Modern Movement Masters, including recently acknowledged ones, such as Eileen Grey, exploring not so much their genius aura, but their rigor, self-discipline, and the capacity of synthesis not only of a *zeitgeist*, but mainly of the historical, cultural, and material necessities of their societies in a specific moment.